

Apontamentos para descrever o espanhol que se fala em Olivença*

Manuel Jesus SÁNCHEZ FERNÁNDEZ
Barberà del Vallès (Barcelona)

Ao Doutor Romano García, *in memoriam*.

1. DIGLOSSIA. AGONIA DO PORTUGUÊS OLIVENTINO

Estes apontamentos querem aproximar-se do espanhol falado por uma das minorias linguísticas mais débeis de Espanha, já assimilada quase completamente à comunidade maior, à hispanofalante.

Olivença (ainda chamada *a vila*, sendo já cidade) e as suas aldeias, isto é, Vila Real, São Bento da Contenda (segundo o povo, *a que fala mais à portuguesa*), São Domingos de Gusmão, São Jorge de Alor (era melhor da Lor¹), São Francisco de Olivença, São Rafael de Olivença e Táliga (hoje concelho), formam uma região histórica que, cultural e etnicamente, é tão portuguesa como espanhola. Ainda hoje existe um litígio político, pois, embora seja administrada por Espanha desde 1801, a República portuguesa não renuncia ao seu direito de soberania. Após a invasão franco-espanhola de Portugal, em 1801, foi assinado o Tratado de Badajoz, segundo o qual o rei de Espanha “conservará em qualidade de conquista, para a unir perpetuamente aos seus domínios e vassallos, a Praça de Olivença, seu território e povos desde o Guadiana”, quer dizer, Olivença (incluindo Táliga) e Vila Real (que pertencia ao então concelho de Juromenha)².

Olivença foi, até aos anos 1941-1950, de maioria lusofalante e minoria hispanofalante. Mas a geração da época começou a ensinar aos filhos, nascidos a partir de 1951-1960, a falar em espanhol. Em geral, a espanholização começa na família mesma, onde convive a língua dos mais velhos com a dos mais novos. Acrescenta-se a isto a pressão espanhola da escola, a Administração, a Igreja, os *señoritos*... e temos igualmente uma língua prestigiosa (de ricos e jovens) e outra sem prestígio (de pobres e velhos), sem

* Este artigo foi publicado originalmente em espanhol (in *Revista de Extremadura* 23 (1997), pp. 109-125), e agora sai em versão portuguesa para o órgão da AGAL, graças a um convite dos Doutores Maria do Carmo Henríquez Salido e Isaac Alonso Estraviz. Contudo, a bibliografia é de 1998. O mapa é um desenho de Servando Rodríguez.

¹ Vid. Servando RODRÍGUEZ FRANCO, “Alor, origen y resultados posteriores de un topónimo”, in *Encuentros / Encontros* 2 (1993), pp. 49-72.

² A historiografia pró-portuguesa considera que este Tratado foi anulado pelo Tratado de Cádiz (“que a cidade de Olivença, e seu território e dependências, sejam reunidas de novo, perpetuamente, à Coroa de Portugal”), assinado pela Junta de Cádiz em 1810, e pelo Congresso de Viena de 1815: “As potências [europeias] (...) obrigam-se formalmente a empregar, por meios de conciliação, os seus esforços mais eficazes, a fim de que se efectue a retrocessão dos ditos territórios em favor de Portugal”, o que Espanha assinou em 1817. Todavia, a historiografia pró-espanhola tem por válido o Tratado de Badajoz, por não existir outro Tratado semelhante entre ambos os países ibéricos. As citas em versão portuguesa que aqui se dão, e os textos íntegros, encontram-se em Carlos LUNA, *Nos Caminhos de Olivença*, Estremoz 1994. Para a história, vid. também Luis Alfonso LIMPO PÍRIZ, *Olivenza, entre España y Portugal*, Olivenza 1989. E para o português oliventino: Maria de Fátima de Rezendes F. MATIAS, “Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)”, in *Revista Portuguesa de Filologia* XVIII (1980-1986), pp. 117-366 (=1-250); XIX (1987-1991), pp. 27-178 (=251-402), com uma comprida bibliografia e resumo histórico.

esquecermos a comunidade hispanofalante das classes mais baixas. A partir daqui, o declínio é imparável. E muito mais entre os que emigraram, embora os lusófonos continuem a se exprimir na sua língua, apesar de viverem longe da *terrinha*, salvo exceções (as dos que renegaram do português). Hoje estuda-se português na escola primária, mas como língua “estrangeira” (!), e há cursos do Instituto Camões.

Quanto aos contactos entre as gentes de ambas as margens do Guadiana, diminuíram consideravelmente desde o estudo de Matias (com recolhas de 1971), e a situação de diglossia mudou desde a publicação da gramática de Vázquez Cuesta & Mendes da Luz, em favor do espanhol³. Contudo, uma nova ponte (junto da antiga da Ajuda) é novamente, desde 2000, uma ligação entre os concelhos de Elvas e Olivença.

Os bilingues costumam ser os de menor instrução. A alfabetização (só em espanhol) contribuiu para o sentimento de inferioridade dos lusofalantes, e tudo foi espanholizado: as ruas, as letras da música popular, até os apelidos, e muitas vezes de uma forma aberrante e mesmo ridícula, coisa bem própria da época de Francisco Franco⁴. Poucos oliventinos ficam já com hipocorísticos portugueses, que vão sendo substituídos pelos espanhóis (v.g. *Zé* por *Pepe* ou *Chico* por *Paco*), ainda que as alcunhas continuam a delatar a origem (não darei exemplo nenhum). Também a toponímia, em geral foneticamente espanholizada e morfologicamente portuguesa (v.g. *Monte Oite(i)ro* > “*Montitero*”, *Abegões* > “*Abugones*”, *Asse(i)ce(i)ra* > “*Sesera*”).

O português de Olivença (um português alentejano com superstrato espanhol) está a agonizar. Era urgente um novo estudo acerca dele. A região histórica oliventina, que até agora fazia parte da Hispanofonia e da Lusofonia, vai deixar de ser bilingue. A exaustiva descrição de Matias aproxima-se cada vez mais a um reflexo de tempos que já lá vão. Esse português alentejano, que na consciência de um oliventino resulta muito semelhante ao de Campo Maior, foi-se espanholizando e perde falantes dia após dia. Mesmo os oliventinos já pensam que o seu português não é *português português*, mas um *chappurre(i)o* ou *achapurrado*.

Procura-se aqui descrever o espanhol estremenho oliventino, que apresenta lusismos e traços da fala estremenha leonesa meridional; leonesa porque esse dialecto alargou-se para o Oeste da via da Prata (e corresponde-se com a Estremadura leonesa), e meridional por a Baixa Estremadura (quer dizer, Badajoz) partilhar tantas isoglossas com as vizinhas falas da Andaluzia. Mas se o espanhol andaluz é tão diverso, o espanhol estremenho (por chamá-lo assim) é-o ainda mais. Poderíamos considerar uma franja de Norte a

³ Vid. MATIAS, *op. cit.*, pp. 178-190 (=62-74). Vid. Pilar VÁZQUEZ CUESTA & Maria Albertina Mendes da LUZ, *Gramática portuguesa*, ed. Pilar Vázquez Cuesta, Madrid 1987³ (=1971³), t. I, p. 78; a primeira edição é de 1949, e parece que os dados são de então.

⁴ Vid. GRUPO DE INVESTIGACIÓN DEL FOLKLORE OLIVENTINO, “Introducción al estudio del folklore de Olivenza: adulteración y realidad”, in *Saber Popular* 1 (1987), pp. 65-68; “Algunas consideraciones sobre el fólklore musical de Olivenza”, in *Saber Popular* 8 (1993), pp. 37-66. Sobre a toponímia, vid. LUNA, *op. cit.*, pp. 31-79. Quanto aos apelidos, há muitos ocultos; entre aspas, os que acho inventados ou mesmo inexistentes em espanhol: “*Bellino*” por *Beijinho*, “*Cuello*” ou “*Conejo*” por *Coelho*, “*Magallanes*” por *Magalhães*, “*Marzal*” por *Marçal*, “*Proenza*” por *Proença*, *Simón* por *Simão*, etc. E os tão conhecidos acabados em *-ez* por *-es* (era fácil, só alguma mudancinha ortográfica): *Álvarez* por *Álvares*, *Fernández* por *Fernandes*, *Gómez* por *Gomes*, *González* por *Gonçalves*, *Méndez* por *Mendes*, *Núñez* por *Nunes*, *Rodríguez* por *Rodrigues*, *Sánchez* por *Sanches*, *Suárez* por *Soares*, etc. Por tradição familiar, em Portugal também se encontram às vezes grafados com *-z*, mas em Olivença já eram escritos com *-s* até 1940, e depois (1941-1950) foram espanholizados (por ignorância ou má fé); não era difícil, com tanta população analfabeta. Ficam obscuras desde então as origens de muitas famílias. Para o caso da Galiza, semelhante ao oliventino, vid. José Maria MONTERROSO DEVESA, *Apelidos Galegos*, Ourense 1989, e Jorge RODRIGUES GOMES, “Apelidos patronímicos do tipo *-es*”, in *Agália* 56 (1998), pp. 463-467.

Sul, paralela à do galegoportuguês, das Astúrias a Huelva, como o âmbito *sensu lato* do espanhol leonês (que já não é o antigo romance leonês, dialecto histórico do latim hispânico).

Esta confusão faz com que seja difícil classificar e discriminar lusismos de leonesismos ou estremenismos, ainda que há casos nos quais, comportando-se Olivença como uma ilha dentro do espanhol, é a origem portuguesa a que se revela como certa. As divisões que se seguem não são nada estritas; todavia, o apagado limite que existe entre elas pode, pelo contrário, fazer com que pensemos que teria sido melhor colocar tudo num mesmo córpus e explicar caso por caso. Porque entre um cognado e um empréstimo as diferenças são muitas vezes nulas. Enfim, os "românicos" falamos *latim do nosso tempo*.

Do léxico exclui algumas formas. O córpus não é extenso demais, mas sim significativo, e útil para começar a descrever um minúsculo dialecto do espanhol. Esta tentativa é possível graças às observações do Doutor José Manuel Blecua, catedrático de filologia espanhola, e à ajuda (nas revisões e a tradução, e não só) de Servando Rodríguez, professor de português; agradeço também os preciosos comentários da cara colega Antônia Soler. Mas, como se costuma dizer, e com razão, os erros são da responsabilidade do assinante.

2. FONÉTICA E FONOLOGIA

2.1. A entoação

A entoação oliventina é ainda mais exclamativa e de tom mais elevado do que a estremenha em geral⁵. Há uma consciência de "queda, deixar-se cair" ou de "cantar", da qual o falante entende ser própria e característica da região, sendo mais acusada na cidade de Olivença do que nas aldeias. Adverte-se mais nas orações interrogativas do que nas enunciativas, sobretudo nas parciais: *¿Y ento(n)ce(s), cuándo viniste?* (esp(anhol) padrão *¿Cuándo has venido?*). Todavia, em espanhol padrão a entoação distintiva é mais própria das totais.

Com frequência os não habituados a ouvir essa melodia acham que os oliventinos são mexicanos, argentinos ou galegos.

2.2. Características fonéticas. Distinção fonológica

Assinalamos aqui os traços fonéticos que afastam o espanhol oliventino do espanhol padrão. As transcrições fonéticas são largas ou amplas (quase fonológicas) e segundo o AFI (Alfabeto Fonético Internacional).

⁵ Vid. Alonso ZAMORA VICENTE, *Dialectología española*, Madrid 1970², p. 336.

Uma das diferenças fonéticas mais notáveis, embora sem pertinência fonológica, entre espanhol e português é a articulação do *s*. Esta consoante “dental fricativa sorda predorsal y convexa”⁶, “fricativa pré-dorsodental surda”⁷ ou “predorso-alveolar surda”⁸ é o *s* /s/ do português padrão, mas no Norte (incluindo a Galiza) ouve-se um *s* que é o do espanhol padrão /s/. Pelo contrário, o espanhol padrão prefere esta “alveolar fricativa sorda apical y cóncava”⁹ ou “fricativa apicoalveolar surda”¹⁰, quando a espanhola meridional é igual à portuguesa padrão. Olivença é um enclave, como em tantas outras coisas, também no que ao *s* diz respeito. Mas entre ambas as realizações há uma gradação que vai do *seseo* com /s/ à distinção entre /s/ e /θ/. O *seseo* dá-se mais nas camadas etárias mais velhas, entre os bilingues, entre os menos cultos, e a distinção entre os mais novos, mais escolarizados e monolingues. É muito mais frequente, ainda com a pressão da escola, o *seseo*. Explica-se por lusismo: não se dá nos arredores hispanofalantes (Badajoz, Cheles, Valverde de Leganés, Alconchel..).

O mesmo grau de espanholização adverte-se nos alófonos. A fricativa palatal, surda /ç/ ou sonora /ʝ/¹¹, arredou pé, quer face ao /h/ meridional, quer face à sua desapareição (com abertura da vogal anterior) ou à assimilação à consoante seguinte. A diferença entre *s* surdo e sonoro também foi desaparecendo.

Um traço estremenho, a aspiração do *h* procedente do *f* latino, é confundido com uma relaxação do fonema /x/. O *h* aspirado dá-se em muitos poucos casos na região: *hocino* [ho'sino] ‘foice’. A relaxação (*Jorge* [‘horhe]) é muito geral, sem distinção de camadas etárias; mas a articulação padrão avança pela escola.

O português da região é *yeísta* em geral¹². Matias recolheu mais exemplos de *yeísmo* em Olivença do que nas outras povoações estudadas por ela, onde atinge mais a classe baixa e a mulher, e não se explica pelo grau de instrução. Em Olivença influi o padrão culto do espanhol meridional¹³ (por exemplo, de Sevilha). Se o português oliventino é assim *yeísta* (e mais na cidade do que nas aldeias), acontece a mesma coisa ao espanhol. Também há casos extremos de *rehilamiento* (tipo argentino), tanto em português como em espanhol, e ainda mais na cidade.

Os outros fonemas não se afastam do espanhol padrão.

⁶ Vid. VÁZQUEZ CUESTA & Mendes da LUZ, *op. cit.*, t. I, p. 23: “como la *s* francesa, la inglesa, la alemana, la rumana y la de la mayor parte de Hispanoamérica y Andalucía”.

⁷ Vid. Maria Raquel Delgado MARTINS, *Ouvir Falar, Introdução à Fonética do Português*, Lisboa 1992², p. 171.

⁸ Vid. MATIAS, *op. cit.*, p. 129 (=13).

⁹ Vid. VÁZQUEZ CUESTA & Mendes da LUZ, *op. cit.*, t. I, p. 23.

¹⁰ *Idem* n. 7.

¹¹ V.g. espanhol oliventino *días*, *esto* (surda), *mismo* (sonora); port. *já* (sonora), *me.smo* (sonora), *isto* (surda). Vid. Delgado MARTINS, *op. cit.*, p. 171.

¹² Vid. VÁZQUEZ CUESTA & Mendes da LUZ, *op. cit.*, t. I, p. 78.

¹³ Vid. MATIAS, *op. cit.*, pp. 269-272 (=153-156).

Há-de ser salientado que o português oliventino, como o português alentejano em geral, prefere o ditongo *oi* ao *ou* (*oiro* / *ouro*, *doido* / *douido*, *loiro* / *louro*). Escrevo-o assim (*oi*) quando o padrão permite as duas formas. Igualmente, o ditongo *ei* é pronunciado /e:/, à alentejana (*aldeia* [al'de:a], *azeitona* [aze:'tona]). No Alentejo, os *-e* átonos finais fecham-se tanto que acabam por ser /i/ (*vale* ['vali]), e este *-i* acrescenta-se por paragoge às palavras agudas acabadas por *-r* ou *-l*¹⁴ (*comer(i)*, *Portugal(i)*, *Pilar(i)*). Na mesma, o *-r* ou *-l* final desaparece às vezes (como em espanhol meridional), o que acontece quase sempre quando o bilingue fala em espanhol¹⁵. Outra característica oliventina, por alentejana (e em geral do Sul português), é a síncopa de vogais na pronúncia rápida; v.g. *bác(o)ro*, *j(a)nela* (>(e)snela), *m(e)lancia* (>blancia), *m(e)nino*, *p(e)queno*.

3. MORFOLOGIA

3.1. Sufixação

Formação de palavras pelo substrato português que caracteriza o espanhol oliventino. É recurso frequente criar por analogia derivados em *-isi* (do port. *-ice*), em geral de sentido depreciativo, mas nem sempre. Em espanhol oliventino originam-se formas como *morgañisi* ‘modorra’, *guitarrisi* (de *guitarra*), *catetisi* ‘provincianismo’, e empregam-se formas do português, como *dotorisi* (< *doutorice* ‘ditos pretensiosos’¹⁶).

3.1.1. Diminutivos

Há diminutivos não padrões, mas frequentes em espanhol (v.g. na América): *piecito* ‘pezinho’, *pecito* ‘peixinho’, *pueblito* ‘povinho’, *viejito* ‘velhinho’. Podem ser lusismos, ou cognados das formações portuguesas.

3.2. O verbo

Não se usa o pretérito perfeito composto (v.g. *he cantado* ‘cantei’); no seu lugar está a forma simples (*canté* ‘cantei’), que abrange o sentido dos dois, como em galegoportuguês e leonês. Provavelmente é lusismo.

3.2.1. Conjuntivo

Formas fortes na primeira pessoa do plural, por analogia com as demais (retrotração do acento): *váyamos* ‘vamos’ (esp. padrão *vayamos*), *vuélvamos* ‘voltemos’ (esp. padrão *volvamos*). Apenas existe a segunda do plural *vosotros* ‘vocês, vós’, substituída por *ustedes* ‘vocês, os senhores’. Outras formas

¹⁴ Em Lisboa é uma neutra entre [e] e [i]. Vid. VÁZQUEZ CUESTA & Mendes da LUZ, *op. cit.*, t. I, pp. 20, 349.

¹⁵ Vid. MATIAS, *op. cit.*, pp. 272-273 (=156-157).

¹⁶ Segundo J. Almeida COSTA, A. Sampaio e MELO et alii, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto 1994⁷ (=DLP). A edição que agora deveria consultar o leitor é a oitava, de 1998.

análogas: presente do conjuntivo de *estar* e *dar* (*estea, esteas, estea, estéamos, estean; dea, deas, dea, déamos, dean*; esp. padrão *esté, estés, esté, estemos, estéis, estén* e *dé, des, dé, demos, deis, den*); no primeiro caso pode ser lusismo (cf. port. *esteja, estejas, esteja, estejamos, estejam*).

3.2.2. Gerúndio

Empregado com *en* ‘em’ (*En comiendo nos vamos*). Construção considerada arcaica no padrão, hoje ainda viva em espanhol castelhano (no que foi Castela-a-Velha), aqui pode ser lusismo (entra no padrão português).

3.3. Tratamento pessoal

Porque não existe tradicionalmente a segunda do plural, como vimos, emprega-se *ustedes*, que concorda com a terceira. O sistema, já em regressão, é: *yo, tú, él, nosotros, ustedes, ellos* (do port. *eu, tu ou você, ele, nós, vocês, eles*). *Y ustedes ¿a qué escuela andan?* (esp. padrão *Y vosotros ¿a qué escuela vais?* ‘E vocês que escola frequentam?’). É lusismo.

No singular, a forma *usted* é a mais formal, e as pessoas que usufruem de certa posição social (padres, médicos, mestres, advogados...) recebem o tratamento de *don / doña* e o nome, e não o de *señor / señora* ou *doctor / doctora* e o apelido.

3.4. Perífrase em lugar do possessivo (*lusismo*)

Em lugar de *suyo, -a, -os, -as, de él / ella / ellos / ellas* (do port. *dele, dela, deles, delas*).

-¿Quién pregunta por (la) María?

-Soy un amigo de ella.

3.5. Partículas

allá (enfática). *Di allá* (do port. *Diz lá*); esp. padrão *Dime*.

entonces. Em espanhol não tem este valor que, longe de ser adverbial, podemos chamar de ênfase. Vid. entoação. *¿Y ento(n)ce(s), cuándo viniste?* (do port. *Então quando é que vieste?*).

sino (do port. *senão*); esp. padrão *más que*. *Está nervioso, no hace sino morderse las uñas*. De uso mais frequente do que em espanhol padrão.

3.5.1. Interjeições

Há expressões que surgem espontaneamente e ficam fora do âmbito da sintaxe, as interjeições (bem como o imperativo e o vocativo). Quase sempre perderam o seu valor semântico original. Aqui são expressões portuguesas que temperam as conversas em espanhol.

Credo! Amiúde esta interjeição vai seguida de *Tal é!*

Olha lá! A entoação é que nos pode dar o seu sentido, umas vezes de desprezo, outras de admiração ou espanto, ou como chamada de atenção...

4. SINTAXE. TRAÇOS GERALMENTE DO SUBSTRATO PORTUGUÊS

4.1. Regime verbal

andar (com valor mais atributivo do que em espanhol padrão, onde se diria *estar*, *ir*. *Hoy no ando* (=estoy) *muy católico*. *¿Todavía andas* (=vas) *a la escuela?* (com o regime de *ir*); *andar alrededor de* (do port. *andar à roda de / em volta de*); esp. padrão *ir detrás de*.

copiarse por (do port. *copiar por*); esp. padrão *copiarse de*. *En la escuela yo siempre me copiaba por ti*.

coger 'caber'. Uso dialectal (não é lusismo).

dejarse dormir (do port. *deixar-se dormir* ou *deixar-se adormecer*); esp. padrão *dormirse*, *quedarse dormido*. Lusismo sintáctico, por não ser reflexivo o *dormir* português. Em espanhol oliventino usa-se esta perífrase (e também *dormir*); e *despertar* sem o *se* pronominal que marca intransitividade (do port. *acordar*).

gustar de (do port. *gostar de*). Lusismo de construção que vai perdendo terreno perante a sintaxe espanhola. Na mesma, em português oliventino já se ouvem espanholismos como *Me gusta...* por *Eu gosto de...*

hablar en (do port. *falar em*); esp. padrão *hablar de*. *Ahora mismo estábamos hablando en ti*.

llegarse pa(ra) (esp. padrão *echarse para*). É lusismo? Cf. galegoportuguês *achegar-se para*.

quitar / sacar (confusão pelo port. *tirar*). Lusismo sintáctico-semântico. *Este año me quito* (=me saco) *el carné de conducir*. *¡Sácate* (=Quítate) *de ahí!* Algo semelhante acontece com *quedar* por *dejar* 'deixar'. *Quedamos* (=Dejamos) *las bicis en esa curva*.

querer [algo][a alguien] (esp. padrão *querer [algo] [de alguien]*). *¿Qué me quieres?* (=¿Qué quieres de mí?) Lusismo? Cf. port. *Que me queres?*

saber. Sintaxe portuguesa (sem o complemento directo). *Ya sé* (do port. *Já sei*), esp. padrão *Ya lo sé*. *¡Sé allá!* (do port. *Sei lá!*), esp. padrão *¡Yo qué sé!*

4.2. Infinito

Construção que lembra o infinito pessoal português (que, todavia, quase se perdeu no português oliventino). *Díselo para él saberlo* (do port. *Diz-lho para ele o saber*), esp. padrão *Díselo para que lo sepa*.

4.3. Construção nominal

todo, -a, -os, -as (sem preceder o nome). *¿Cómo quedó allá la gente toda?*

4.4. O artigo determinado

Geralmente, diante dos nomes próprios de pessoa (considerado vulgar em espanhol e padrão em português) e omissos diante dos rios (traço estremenho): v.g. *Guadiana* (fem.) por *el Guadiana*. E intercalado entre o nome pessoal e um número que o determine: v.g. *nosotros los dos* (do port. *nós os dois*). Também *en el verano* (do port. *no Verão*), *a las veces* por *a veces* (do port. *às vezes*), etc.

4.5. Locuções e frases decalcadas, pelo substrato, do português

a la tardecita / nohecita (do port. *à tardinha / noitinha*).

al pie de (do port. *ao pé de*); esp. padrão *al lado de*. Embora se dê em espanhol clássico (como no *Quixote*), considero-o lusismo, pois em português continua viva a expressão.

a sol puesto (do port. *ao sol-posto*); esp. padrão *al anochecer*.

dar larga [a algo o a alguien] (do port. *dar largas a*); esp. padrão *dejar ir, dejar escapar, dejar salir*. *Le di larga a un galápago que cayó en la tarrafa*.

de antes / dantes (do port. *dantes*); esp. padrão *antes*.

de rastro (do port. *de rastros*); esp. padrão *arrastrando*. *Va con la pata de rastro (=cojeando)*.

en pelote (do port. *em pelote*); esp. padrão *en pelotas*.

es capaz de (do port. *é capaz de*); esp. padrão *puede*. *Es capaz de llover*.

No tiene duda (do port. *Não tem dúvida*); esp. padrão *sin duda, seguro*.

p(ara) ahí (do port. *p(a)ra aí*); esp. padrão *por ahí*. Construção portuguesa e aférese espanhola.

pa(r) el año (do port. *p(a)ra o ano*); esp. padrão *el año que viene*.

por ca(u)sa de (do port. *por causa de*); esp. padrão *a causa de, por culpa de*.

todavía ahora (do port. *ainda agora*); esp. padrão *ahora mismo* (ou *ahora mismo*).

todavía encima (do port. *ainda por cima*); esp. padrão *y encima*. *Todavía encima de que vengo a verte me tratas así*. Cf. esp. da Galiza *aún por encima*.

4.6. Tematização portuguesa

ahí es que... / ahora es que... Dá-se muitíssimo mais do que em espanhol padrão: *Ahora es que viene ella* ou *Ahora viene ella* (do port. *Agora é que vai ser ela*); esp. padrão *Ahora sí que viene lo bueno*.

4.7. Resposta-eco portuguesa¹⁷

-¿Fuiste a buscar el pan? -Fui (também *-Sí*, à espanhola).

5. LÉXICO E SEMÂNTICA

5.1. Lusismos do espanhol oliventino

Lusismos próprios do espanhol oliventino. Trata-se de palavras portuguesas mais ou menos espanholizadas fonológica e morfológicamente (no caso dos lusismos léxicos). Escrevo-as como apareceriam num dicionário espanhol (geral ou dialectal). Quando coexistem formas várias, dão-se na entrada.

alicierzos (do port. *alicerces*); esp. padrão *cimientos*.

arañón (port. padrão *arranhão*, port. oliv. *aranhão*, esp. padrão *arañazo*). Cf. port. padrão *aranhão* ‘aranha grande’.

barriga de la pierna (do port. *barriga da perna*); esp. padrão *pantorrilla*.

cacholera (do port. *cacholeira*); esp. padrão *morcilla de sangre*.

carraza, garrapata ‘carraça’; esp. padrão *garrapata*.

ceguera (do port. *cegueira*¹⁸). *¡Qué ceguera tienes por esa camisa!*

cepillo (port. *vassoira*, esp. padrão *escoba*). Distinguem-se a *escoba* ‘vassoira’, se é de palma, quase desusada, e *cepillo* ‘vassoira’, de pêlo artificial. O basculho, já quase extinto, é chamado *bascullo*.

¹⁷ Vid. VÁZQUEZ CUESTA & Mendes da LUZ, *op. cit.*, t. II, pp. 229-230.

¹⁸ Do port. *cegueira*, que numa das acepções do *DLP* é ‘obstinação, fanatismo, paixão violenta’.

<u>ESP. PADRÃO</u>	<u>ESP. OLIVENTINO</u>	<u>PORT OLIVENTINO</u> ¹⁹	<u>PORT. PADRÃO</u>
<i>escoba</i>	<i>escoba</i>	<i>bassoira</i>	<i>vassoira</i>
<i>escoba</i>	<i>cepillo</i>	<i>cepilho</i>	<i>vassoira</i>
<i>cepillo</i>	<i>cepillo</i>	<i>cepilho</i>	<i>escova</i>
<i>deshollinador</i>	<i>bascullo</i>	<i>basculho</i>	<i>basculho</i>
<i>deshollinador</i>	<i>bascullo</i>	<i>basculho</i>	<i>cepilho</i>

clisarse (do port. *eclipsar-se*); esp. padrão *pasmarse*.

coruja (do port. *coruja*); esp. padrão *lechuza*; *bruja* (fig.).

cutubía (do port. *cotovia*); esp. padrão *cogujada*.

desfomado (do port. *esfomeado*); esp. padrão *hambriento*, *famélico*.

empulerarse (do port. *empoleirar-se*); esp. padrão *subirse al aseladero* ou, por extensão, *encaramarse*: *El muchacho está empulerado (=encaramado) en el tejado*. Também *pulero* (do port. *poleiro*); esp. padrão *aseladero*.

engañarse (do port. *enganar-se*); esp. padrão *equivocarse*.

escancarar (do port. *escancarar*); esp. padrão *abrir de par en par*. *Quedaste la puerta toda escancarada*.

exp(e)rimentar (do port. *exp(e)rimentar*); esp. padrão *probar*.

fariñera (do port. *farinheira*); esp. padrão *morcilla de harina*.

fiesta (do port. *festa*, no sentido de ‘carícia, carinho, afago’); esp. padrão *caricia*.

fradiño (do port. *fradinho*, *feijão frade*); esp. padrão *alubia carilla*.

franganito (do port. *franganito* ‘rapazinho empertigado, com ares de homem’²⁰); esp. padrão *pollito* (no mesmo sentido).

¹⁹ Acerca do português oliventino, vid. MATIAS, *op. cit.*, p.43 (=267).

²⁰ Segundo o DLP.

fudurento ‘resingão’ (do port. *fedorento*). Emprega-se com o sentido de ‘resingão’ como se faz em português (*fedorento*); e em espanhol canário acontece o mesmo com *hediondo*. A voz espanhola, também em Olivença (com *h* aspirado).

gafañoto, langosto (port. *gafanhoto*, esp. estremenho *langosto*).

gallo (do port. *galho*), especialmente se é de melancia; esp. padrão *gajo*.

hierba dulce (do port. *erva-doce*); esp. padrão *matalahúva, anís*.

(h)ogarzo, saragazo (do port. *sargaço?*); port. oliv. *saragaço, (h)ogarço*), esp. padrão *sargazo?*

hombreira (do port. *ombreira*); esp. padrão *jamba*.

lambuzar (do port. *lambuzar*); em esp. padrão seria *manchar salpicando* ou coisa assim.

lamuria (do port. *lamúria*); esp. padrão *lloriqueo, lamentación* ou, por extensão, *canturreo molesto e insistente*.

largo (Adv.) (do port. *ao largo*, loc. adv.); esp. padrão *lejos*.

lerias (do port. *lérias*); esp. padrão *patrañas, fanfarronadas, fantasmadas* (gíria). Também *cagalerias* (do port. *caga-lérias*); esp. padrão *fanfarrón, fantasma* (gíria).

lovadéus (do port. *louva-a-deus*); esp. padrão *mantis religiosa*.

mazaroca (do port. *maçaroca*); esp. padrão *mazorca*.

mela (do port. *mela*); esp. padrão *tizón*. *Este año el melonar no vale nada, cayó la mela*.

mermelada (do port. *marmelada*); esp. padrão *dulce de membrillo* ou *carne de membrillo*. A voz *mermelada* é lusismo em espanhol, mas só conserva o seu valor geral. Em espanhol oliventino emprega-se como em português.

pago (do port. *pago*); esp. padrão *pagado*. Outro exemplo de participio forte perdido em esp. padrão e vivo em esp. oliventino pelo substrato português.

pegañar (do port. *peganhar*); esp. padrão *reñir, discutir, molestar*; *pegañoso* (do port. *peganhoso*), tanto num sentido literal como figurado; esp. padrão *que molesta, pegajoso*. *¡Qué pegañosos son, no dejan en paz al abuelo!*

penico (do port. *penico*); esp. padrão *orinal, escupidera*.

pica-peixe (com fonética portuguesa); esp. padrão *martín pescador*. Cf. esp. estremenho *picapez*.

popa (do port. *poupa*); esp. padrão *abubilla*.

rabacero, arrabacero (do port. *rabaceiro* ‘que gosta de toda a fruta’²¹). No sentido figurado, já português, de ‘malandro’; esp. padrão *pillo, tunante, juerguista*. Não é malsoante.

rafero (do port. padrão *rafeiro* ‘cão ou designativo de cão de certa raça própria para guarda’); port. oliventino *rafe(i)ro*, port. padrão *guloso*; esp. padrão *goloso*. Voz propriamente oliventina.

ramela (do port. *ramela, remela*); esp. padrão *legaña*; *rameloso* (do port. *rameloso, remeloso*); esp. padrão *legañoso*.

rebulizo (do port. *reboição, rebulício, rebuliço*); esp. padrão *bullicio, alboroto*.

rente (do port. *rente*); esp. padrão *a ras, muy justito*.

repeso, arrepeso (do port. *repeso*); esp. padrão *arrepentido*. Em espanhol já se perdeu o participio forte.

ribero (do port. *ribe(i)ro*); esp. padrão *arroyo*. A forma espanhola está a substituir o lusismo.

rodilla (desusado; do port. *rodilha*).

senara (do port. *seara*); esp. padrão *mies*. *Este año, con la sequía, las senaras no crecieron*.

sonso (do port. padrão *insonso*); port. oliv. *sonso*; esp. padrão *soso*. Cf. port. padrão *sonso*, que é um espanholismo (de *zonzó*).

tarrafa (do port. *tarrafa, tarraya*); esp. padrão *esparavel, tarraya*.

tomara (generalização da expressão portuguesa *tomara eu*); esp. padrão *ojalá*. Também *tomara que*; esp. padrão *ojalá (que) yo*.

5.2. Lusismos do espanhol falado na Estremadura (espanhola)

arrepío (do port. *arrepio*); esp. padrão *escalofrío*.

aviar, ir al avío (do port. *aviar*); esp. padrão *comprar, ir a la compra, aviarse, abastecerse*.

bruño (do port. *brunho, abrunho*); esp. padrão *ciruela*.

cacos (do port. *cacos*); esp. padrão *añicos*.

²¹ Idem n. 20.

corela (do port. *courela*); esp. padrão *parcela*.

entallarse (do port. *entalar*); esp. padrão *pillarse los dedos*. *Ya me entallé* (esp. norm. *Me he pillado los dedos*). Figuradamente: *Ya te entallaron pa(ra) trabajar*.

escarrancharse (port. *escarranchar-se*); esp. padrão *abrirse de piernas*.

fechar; *fechadura* (do port. *fechar*; *fechadura*); esp. padrão *cerrar*; *cerradura*. Não é muito corrente em Olivença.

frijón (do port. *feijão*); esp. padrão *judía*. Outras variantes: *fréjol* ou *frejón* (esp. leonês), *frijol* ou *frijol* (esp. americano). Pode ser um cognado dos romances castelhano, leonês e galegoportuguês. A forma oliventina também se dá em espanhol andaluz.

maltés (do port. *maltês*); esp. padrão *maleante*, *juerguista*. Em Olivença, só com este sentido restringido (e também em português oliventino, claro). O mesmo acontece com *maltesería* (port. *maltesaria*) e *malteseo* (forma propriamente oliventina)²².

manijero (port. *manajeiro*, *capataz*, *encarregado*); esp. padrão *encargado*, *capataz*.

repión (do port. *pião*); esp. padrão *peonza*.

5. 3. Vozes consideradas dialectais do ponto de vista do espanhol padrão

Dão-se em diferentes dialectos do espanhol, tanto em Espanha como fora dela. Num princípio não são lusismos. Cada palavra tem o seu próprio âmbito e é possível que somente se ouça numa região ou país. Algumas delas são iguais em espanhol oliventino do que em português oliventino; outras são só espanholas. Mas estas precisões ficariam para um estudo do português oliventino.

avellana ‘amendoim’; esp. padrão *cacahuete* (em esp. padrão, *avellana* é ‘avelã’, claro).

bayón (Estremadura, Salamanca) ‘buiho’; esp. padrão *espadaña*; mas há quem distinga *bayón* e *espadaña*.

bolindre (Estremadura) ‘berlinde’; esp. padrão *canica*.

bucheta (Estremadura) ‘mealheiro’; esp. padrão *hucha*.

cansino ‘chato’; esp. padrão *que cansa*, *pesado*, *molesto*. Em Olivença convive com *temoso* e *pegañoso*.

cerillo ‘fósforo’; esp. padrão *cerilla*, *fósforo*.

²² Para o português padrão, vid. *DLP*.

corcha ‘cortiça’; esp. padrão *corcho* (e port. oliventino *corcha*).

cucharro (Estremadura) ‘tanque’; esp. padrão *lavadero*.

curioso (Estremadura, Castela) ‘cuidadoso’; esp. padrão *cuidadoso*.

chobo ‘canhoto’; esp. padrão *zurdo*.

embarrar (Estremadura, Ávila, Salamanca, Samora) ‘caiar’; esp. padrão *encalar, enjalbegar*.

empicarse ‘habituar-se mal’; esp. padrão *acostumbrarse mal, enviciarse*.

enredar (Estremadura, Aragão) ‘perder tempo’; esp. padrão *perder tiempo*.

entraparse ‘obstruir-se’; esp. padrão *embozarse, obstruirse*.

farragua ‘andrajoso, desalinhado’; esp. padrão *andrajoso, desaliñado*.

flama (Estremadura) ‘calor bochornoso, bochorno’; esp. padrão *calor bochornoso, bochorno*.

fusca (Estremadura, Salamanca) ‘moita’; esp. padrão *maleza, broza*.

hediondo. Vid. *fudurento*.

lamber (cognado do port. *lamber?*); esp. padrão *lamer*.

machar ‘machucar’; esp. padrão *majar*.

modorro ‘parvo’; esp. padrão *tonto*; em Olivença, também *madorro*.

morgaño (Estremadura, Aragão) ‘aranha’ (port. oliventino *morganho, aranhol(i)*; esp. padrão *araña*). Cf. port. padrão *aranhol*, que em espanhol é um *agujero de arañas*.

relatar ‘ralhar’; esp. padrão *reñir, regañar*.

5.4. Preferência léxica em espanhol oliventino

Vozes sinónimas que pertencem a alguma das normas cultas do espanhol (sublinha-se a mais empregada em Olivença).

alacrán / *escorpión* ‘lacrau, escorpião’. No Sul da península Ibérica, as vozes árabes (port. *lacrau, alacrau*, esp. *alacrán*, catalão *alacrà*); no Norte, as latinas (port. *escorpião*, esp. *escorpión*, catalão *escorpi*).

alcoba / dormitorio ‘alcova, quarto’.

amolarse / fastidiarse ‘ficar amuado’.

balón / pelota ‘bola’.

bravo / borde / silvestre ‘bravo, silvestre’.

café negro / café solo ‘bica, cimbalino’.

cochera / garaje ‘garagem’.

colorado / rojo / encarnado ‘vermelho, encarnado’. Em Olivença, o *colorado* abrange o espanhol *rojo* ‘vermelho’ e o *naranja* ‘cor de laranja’; o português oliventino prefere *encarnado* a *vermelho*.

comercio / tienda ‘comércio, loja’.

culebra / serpiente ‘cobra’.

chico / pequeño ‘pequeno’.

chocho / altramuz ‘tremoço’.

chozo / choza ‘palhota, choça’.

dulcería / pastelería ‘docearia, pastelaria’.

escardillo / sacho ‘escardilho’.

escuela / colegio ‘escola’.

frigorífico / nevera ‘frigorífico’.

galápago / tortuga ‘tartaruga, cágado’.

guarro / cerdo / cochino / marrano / puerco ‘porco, bácoro’. Cf. port. porco, bácoro (em port. oliventino, *bác(o)ro*).

herrumbroso (com *h* aspirado) / oxidado ‘ferrugento, oxidado’.

hocino (com *h* aspirado) / hoz ‘foice (grande ou pequena)’.

jofaina (com oclusivização da fricativa: *cofaina*) / palangana / bacía ‘bacia’.

lastimar / *hacer daño* / *dañar* ‘magoar’. Cf. port. *lastimar* (que em esp. padrão é *lamentar*).

ligero (Adv.), ligero, -a (Adj.) / rápido (Adv.), rápido, -a (Adj.) ‘pronto’.

loza / *vajilla* ‘loiça, baixela’.

maestro / *profesor* ‘mestre, professor’.

magarza / *matricaria* ‘magarça’ (espanholismo em port.).

miar / *maullar* ‘miar’. Talvez seja lusismo em Olivença.

pero / manzana ‘maçã, pêro’. Convivem ambas as formas.

pescada (Olivença, Aragão) / *merluza* ‘pescada’. Lusismo em Olivença?

porrón / *botijo* ‘barril’.

poza / *charco* ‘poça, charco’. Em Olivença pode ser lusismo.

rebeca / *chaqueta [de punto]* ‘casaco de malha’.

ropero / *armario* / *armario ropero* ‘armário, roupeiro’.

taberna / bar (agora é mais empregado *bar*) ‘taberna, bar’.

tanque / *lavadero [público]* ‘tanque’.

temoso / *pesado* / *molesto* ‘teimoso’. Pode ser lusismo (é mais empregado o port. *teimoso* do que o esp. *temoso*, e temos o verbo *teimar*).

veedor / *curandero* / *sanador* ‘curandeiro’.

zancajo / *talón* / *calcañar* ‘calcanhar, talão’.

6. COROLÁRIO.

-*Nós fomos portugueses antes, e já seguimos falando [=continuámos a falar] o português. (...) É o nosso, aqui, falar o português! (...) Nós seremos portugueses já até que morramos.*

(...)

-*Então vocês são espanhóis... portanto... espanhóis diferentes?*

-*Nós somos espanhóis... espanhóis portugueses, porque falamos à portuguesa! É o único, nada mais.*

Conversa entre o xornalista Rui Dias José e moradores em Vila Real, em 1987, numa reportagem sobre Olivença para a RDP-Antena 1.

BIBLIOGRAFIA

Real ACADEMIA ESPAÑOLA, *Diccionario de la lengua española*, Madrid 1970¹⁹, 1984²⁰, 1992²¹

Eduardo BARAJAS, "Portugués y español: interinfluencias lingüísticas", in *Encuentros / Encuentros de Ajuda. Actas, ponencias y comunicaciones*, Olivenza 1987, pp. 71-99

-, "Toponimia portuguesa en Extremadura", in *Encuentros / Encuentros 1* (1989), pp. 85-112

-, "Préstamos lingüísticos portugueses en español", in *Encuentros / Encuentros 2* (1993), pp. 15-36

Joan COROMINAS & José Antonio PASCUAL, *Diccionario crítico-etimológico castellano e hispánico*, Madrid 1986

Júlio da Conceição FERNANDES, *Diccionario portugués-español, Dicionário Espanhol-Português*, Barcelona 1987⁷

María MOLINER, *Diccionario de uso del español*, Madrid 1966-1967

Gregorio SALVADOR, "Lusismos", in *Enciclopedia lingüística hispánica* (II), Madrid 1967, pp. 239-261

ADDENDA PARA A REFLEXÃO DO LEITOR

“A LOXSE, na que nos baseamos, parte dunha premisa falsa no seu posicionamento lingüístico, esta lei establece como obxectivo xeral que o ensino da lingua debe estar destinado a "comprender e producir mensaxes orais e escritas con propiedade, autonomía e creatividade" na lingua ou linguas de cada comunidade autónoma; sen embargo, a LOXSE e os diversos Estatutos dalgunhas CC AA non recoñecen a existencia de minorías lingüísticas non castelófonas en cadanseu territorios: galegófonos no occidente de Asturias, León, Zamora e o Val do Río Ellas, lusófonos no occidente de Zamora, Salamanca e Badajoz, leonesófonos no norte e oeste de León, vascófonos en Navarra, catalófonos en Aragón e Murcia, etc. É dicir, hai cidadáns españois de 1ª e 2ª división canto ós seus dereitos lingüísticos: un neno catalanófono do Ampurdán ten uns dereitos que se lle negan, en base non se sabe moi ben a que, a outro neno catalanófono de El Carxe (Murcia), incumpríndose gravemente o principio da pedagogía e da didáctica universais que preconiza que os nenos teñen dereito a recibiren o primeiro ensino na lingua materna. Os Estatutos de Asturias, Castela-León, Extremadura, Murcia, Navarra e Aragón negan ou ignoran tal dereito elemental”. In Elisa LÓPEZ MOLDES, Begoña DÍAZ FERNÁNDEZ & Ignacio ORXE GARCÍA, "Proposta didáctica e pedagóxica para a introducción na escola da variante galego-portuguesa do Val do Río Ellas (Cáceres)", in *Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la frontera* (II), Cáceres 1996, p. 303.

“Rematamos pedindo, como membros dunha mocidade europea máis solidaria e tolerante coa natureza e co natural, o respecto e a protección do sistema ecolingüístico do Val do Río Ellas (pénsese por exemplo nas

medidas adoptadas na protección do occitano falado no Val de Arán, en Lleida, que alomenos están a frea-lo proceso de desaparición dunha variedade lingüística singular)". In *op.cit.*, p. 310.

"El estado actual de la cultura contemporánea sí pone en trance de desaparición el habla portuguesa de Olivenza. Las intensas intercomunicaciones y los eficaces medios de comunicación han hecho más mella en el portugués oliventino que los 173 años de separación de Portugal". In Manuel MARTÍNEZ MARTÍNEZ, *El enclave de Olivenza, su historia y su habla. Estudio histórico-etnográfico y lingüístico de la Olivenza portuguesa*, diss. Granada 1974, p. 291, cit. in Luis Alfonso LIMPO PÍRIZ, *El caso oliventino para una investigación cultural. Memoria de licenciatura*, Bellaterra 1983, p. 215.

Vila Real (Olivença), Dezembro de 1995 / Julho de 1997 / Agosto de 2000
Para a *Agália* (*Revista Internacional da Associação Galega da Língua*)

In *Agália* 61 (Primavera 2000), pp. 105-119 (acabada de se imprimir em Janeiro de 2001)

**PRIMER CONGRESO SOBRE EL EXTREMEÑO O HABLA EXTREMEÑA
CALZADILLA (CÁCERES) - OCTUBRE/2002**